

# ORALIDADE E ESCRITA: UMA QUESTÃO DE LETRAMENTO

**Autor: Gercleide Gomes da Silva**

**Departamento de Letras e Artes UnP / UFRN**

## RESUMO

O presente trabalho, intitulado **Oralidade e escrita: uma questão de letramento consiste**, em um estudo a respeito da linguagem como um sistema em constante mudança. Neste estudo, fazemos uma abordagem dos usos oral e escrito da linguagem como prática de letramento. Levando em consideração os estudos realizados sobre oralidade e escrita, existiu uma época que o ato de falar era bem mais importante do que escrever bem, pois a escrita servia apenas para registrar os acontecimentos históricos. Para melhor compreender esse universo, foi realizada uma revisão de literatura e a análise de textos produzidos por alguns alunos do primeiro ano do ensino médio, para observarmos os traços de oralidade presentes nos textos escritos pelos mesmos. O processo letramento do indivíduo está relacionado a suas práticas sociais, as suas vivências de leitura e de escrita nos mais variados eventos sociais. Nesse sentido, como o aluno está inserido em diferentes contextos sociais, que demandam práticas diversas de letramento, é necessário que o professor saiba quais são essas práticas, bem como que respeite as mesmas.

**Palavras chave:** oralidade, escrita, letramento, práticas sociais.

Para a maioria das pessoas, não há nenhuma distinção entre os termos linguagem, língua e fala, no entanto do ponto de vista lingüístico, esses termos não podem ser confundidos.

Segundo Koch (KOCK *apud* XAVIER, 2005, p.142), linguagem é a “capacidade do ser humano de se expressar através de um conjunto de signos, de qualquer conjunto de signos”. Linguagem é um sistema de sinais convencionais usados no ato comunicativo. Ela pode ser: verbal e não-verbal. A linguagem verbal é a utilizada através da palavra, seja oral ou escrita. A linguagem não-verbal corresponde a linguagem utilizada através de sinais, é o caso dos sinais de trânsito, linguagem dos surdos – mudo.

Com base na compreensão da linguagem como prática social pode se dizer que a língua corresponde ao sistema gramatical, pertencente ao grupo de indivíduos de uma instituição social, no entanto, só é realizada através da fala.

Fala é um conjunto de sons sistematicamente articulados e significativos. Ela é uma forma de produção textual para fins comunicativo. (MARCHUSCHI, 2001, p.25)

Para Saussure, língua é um conjunto de convenções necessárias, seguidas por um corpo social para permitir o exercício da linguagem (SAUSSURE *apud* TERRA, p. 13). A fala é particular, cada falante tem sua língua e a utiliza dentro das regras preestabelecidas pelo seu convívio social.

Mesmo que cada falante seja proprietário de sua fala, o uso da língua através da fala sofre restrições intrínsecas e extrínsecas. A restrição intrínseca é a derivada da estrutura da língua, que limita as várias possibilidades de uso através de regras. Já a restrição extrínseca são as restrições impostas pelos grupos de falantes, ou por pessoas que ditam regras para seu uso (TERRA, 1997, p. 20).

A preocupação com a linguagem não é apenas da época da existência da escola, segundo Manacorda essa preocupação vem desde a antiguidade do antigo Egito. É claro que várias respostas são dadas ao longo da história e sempre estão entrelaçadas aos momentos vividos em cada civilização. Manacorda comenta que:

O falar bem é, então, conteúdo e objetivo do ensinamento. Mas o que significa exatamente este falar bem? Creio que seria totalmente errado considerá-lo em sentido estético-literário, e que, sem medo de forçar o texto, se possa afirmar que, pela primeira vez na história, nos encontramos perante a definição da oratória como arte política [...] (MANARCORDA *apud* GERALDI, 2006, p.29).

Existiu uma época que o ato de “falar” bem era mais importante do que escrever bem. A escrita servia apenas para registrar os acontecimentos históricos. Com o passar do tempo o aprendizado da palavra que convence (oratória) deixou de ser objeto principal e passou a ter como foco a orientação para outros ensinamentos. Seria a universalidade da língua esquecendo o poder do convencimento do discurso, pois todos instruídos, ou seja, em uma sociedade de escolarizados, daria uma abertura para possuir outros conhecimentos.

Língua e escrita também não podem ser confundidos, pois trata de dois sistemas distintos. A escrita é um ato posterior ao da fala. Muitas pessoas fazem uso da língua através da fala e não sabem escrever. Mesmo que a linguagem falada seja a mais utilizada pelas pessoas. No mundo existem muitos países ágrafos, isto é, línguas que não são representadas por nenhuma forma de escrita. São aproximadamente 3 mil línguas e apenas 110 possuem a escrita.

Segundo Fávero (2005, p.10), historicamente, a escrita era considerada a verdadeira forma de linguagem e a fala, por ser mais flexível, não constituía objeto de estudo. Só depois de 1960 é que a linguagem falada deixou de ser considerada uma mera verbalização. A língua é um processo inacabado, resultado das construções do passado e do presente, e passou a ser incorporada as análises textuais. Observando as condições de cada atividade interacional. Como afirma Geraldi:

A língua, enquanto produto desta história e enquanto condição de produção da história presente vem marcada pelos seus usos e pelos espaços sociais destes usos. Neste sentido a língua nunca pode ser estudada ou ensinada como produto acabado, pronto, fechado em si mesmo [...] (GERALDI, 2006, p.28).

Não existe uma sociedade sem língua. O conhecimento da língua permite que o indivíduo torne-se um cidadão capaz de se integrar num processo educativo. Segundo Koch:

[...] para mim sociedade e cultura se imbricam necessariamente. Então quando eu digo que a língua é o lugar de interação dos membros de uma coletividade, são os membros de determinada cultura. Então é claro que língua, sociedade e cultura são intimamente ligadas [...] linguagem e pensamento são mutuamente constitutivos. E o pensamento humano é construído no interior da cultura em que se vive (KOCK *apud*. XAVIER, 2005, p.124).

A relação entre língua e sociedade é vista como uma organização social, sendo mutável necessitando da linguagem para a sobrevivência, pois como existiria a sociedade sem linguagem?

A linguagem surge num contexto da construção da organização social, existindo pela sua própria construção. Como afirma Geraldi “o processo de construção da linguagem permite a construção do pensamento” (GERALDI *apud* XAVIER, 2005, p.79). Se a língua fosse vista como fixa e pronta, um fenômeno acabado seria morta, pois ela está num processo contínuo de construção e reconstrução.

Segundo Geraldi:

os estudos da linguagem, da língua, do pensamento e da cultura não pode distanciar-se sob pena de excluir elementos que lhes são próprios e constitutivos. Esse sistema de referências não é de categoria somente, mas também de modos de relação entre essas categorias (GERALDI *apud* XAVIER, 2005, p.80).

Para Geraldi existe uma interação entre língua, linguagem e cultura, elas se entrelaçam entre si, sendo uma dependente da outra. Concordando com Marcuschi (MARCUSCHI *apud* XAVIER, 2005, p. 132) a linguagem se configura na prática social como forma de expressão, seria uma faculdade mental instalada no cérebro, própria da espécie humana, permitindo uma atividade de símbolos. A relação existente entre linguagem e sociedade é dada através da cultura e da situação em que as pessoas vivem.

A escrita é considerada um bem social indispensável para o nosso cotidiano, seja nos centros urbanos, ou na zona rural. A importância dessa modalidade da nossa Língua é tão grande, que sua prática e avaliação social são consideradas para sociedade “status”<sup>1</sup> de educação, desenvolvimento e poder.

Para Marcuschi (2003, p.17) “sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve”. Porém, não podemos considerar a fala como superior, pois tanto escrita como oralidade são práticas importantes da língua, cada uma com suas próprias características.

---

1 De acordo com kury Status significa 1. Posição social. 2. prestígio renome.

A fala possui fenômenos como prosódia, gestualidade, movimentos do corpo e dos olhos. Já a escrita também possui elementos próprios como: tamanho e tipo de letras, cores, formato, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímicas e prosódia graficamente representados.

Segundo Fávero (2005, p.09) “a escrita tem sido vista como de estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto”.

Mesmo sendo o uso da fala mais abrangente que o da escrita não significa que uma é mais importante que a outra, já que nos utilizamos de ambas para expressar nosso raciocínio, exposição formal e informal, variações estilísticas e sociais. No entanto, o uso da escrita para a sociedade tem um valor social superior. A norma padrão ou norma culta possui relevâncias, pois é utilizada em livros, jornais, revista, livros científicos, sendo a linguagem ensinada nas escolas.

É importante analisar a oralidade nos diferentes contextos sociais. Conforme Marcuschi:

[...] a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso (MARCUSCHI, 2001, p.25).

A Oralidade é adquirida nas relações sociais do nosso dia-a-dia, desde o nosso nascimento. Somos participantes de situações sociais e, cabe a nós nos comportamos de um modo diferente em cada situação comunicativa. O contexto é que determina o tipo de linguagem que devemos utilizar. Por isso, a prática da oralidade é uma forma de inclusão cultural e de socialização.

Fávero (2005, p.21) afirma que “o texto conversacional é criação coletiva e se produz não só interacionalmente, mas também de forma organizada”, ou seja, para a atividade comunicativa oral são indispensáveis habilidades e competências que vão além do conhecimento gramatical. É necessário que o texto tenha uma organização para que possa existir uma compreensão dos participantes e, que assim, o ato seja concretizado. Faz parte dessa organização do discurso fatores como: interação entre, pelos menos, dois interlocutores, uma seqüência lógica do pensamento, um tempo e um objetivo.

Já a escrita é fruto de um aprendizado escolar, num contexto mais formal da língua, é por isso que ela é considerada, pela sociedade, um bem cultural de prestígio.

A escrita em conjunto com a oralidade é usada nos diferentes contextos sociais básicos da nossa vida: como no trabalho, na escola, no dia a dia, na família, na vida burocrática e na vida intelectual. Mas para cada situação comunicativa há objetivos diversificados em relação ao uso da escrita quanto da oralidade.

Como caracteriza Marcuschi:

São os usos que fundam a língua e não o contrário, defende-se a tese de que falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação (MARCUSCHI, 2001, p.9).

A linguagem é muito dinâmica, podemos dizer que ela está em constante transformação, pois ao mesmo tempo vem modificando e sendo modificada pelos que a utilizam, os quais vão se apropriando dela e inserindo-a num processo de construção e reconstrução contínua.

Para entender melhor o universo da Oralidade e da Escrita se faz necessário apoiar-se em uma palavra recém chegada ao vocabulário da Educação e das ciências lingüísticas: o letramento.

O termo letramento está associado ao termo alfabetização, não existe um grau de letramento zero. Para termos uma noção sobre letramento é necessário sabermos qual o significado de alfabetização para podermos entender o termo melhor.

A definição que encontramos nos dicionários sobre analfabeto, segundo Kury (2002, p.56) é “aquele que não conhece o alfabeto”, que não sabe ler e escrever. Já a pessoa dita alfabetizada é aquele que sabe ler e escrever, mas isso não significa dizer que essas pessoas ditas alfabetizadas adquiriram a competência para usar a leitura e a escrita de forma apropriada. Como afirma Soares:

As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita [...] não lêem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento [...] (SOARES, 2002, p. 46).

Letramento, tradução da palavra inglesa *literacy*, que significa letrado e no latim *littera* (letra), em português foi acrescentado o sufixo **-mento**, o que dá a idéia de ação.

Letramento de acordo com Soares:

O resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquiri um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter - se apropriado da escrita (2006, p.18).

O Letramento como prática social está relacionado ao uso da escrita, esta modalidade representa uma manifestação formal dos mais variados tipos de Letramento.

Dessa forma, existem várias pessoas que sabem ler e escrever, porém não possuem uma compreensão do que está escrito, ou seja, elas conseguem decodificar as palavras, mas não as compreende.

Já o letramento possui outra conotação. O indivíduo pode não ser alfabetizado e ser uma pessoa letrada, todas as pessoas possuem um tipo de letramento.

Este Letramento pode ser múltiplo, não necessariamente em um nível específico de conhecimento, mas de conhecimentos variados. Dominamos práticas diferentes, o letramento se torna, portanto, relativo.

Não podemos confundir letramento com alfabetização, pois embora os termos estejam relacionados, possuem noções bastante diferentes.

A alfabetização é um termo designado para o indivíduo que apenas aprendeu a ler e a escrever, mas que não consegue interagir através do uso dessas competências. Já letramento é cultural, é algo influenciado pela sociedade, pois a leitura visual, as várias linguagens podem levar a um letramento.

As pessoas que possuem letramento, além de ler e escrever sabem inserir a leitura e a escrita no contexto das práticas sociais de maneira adequada. Soares (2006, p.58) afirma também que “o nível de letramento de grupos sociais relaciona-se fundamentalmente com as suas práticas sócias”. Portanto, o aluno é um produto do meio em que vive ele tem sua cultura, letramento, e tudo isso precisa ser respeitado.

Segundo Marcuschi:

O letramento não é o equivalente à aquisição da escrita. Existem “letramentos sociais” que surgem e se desenvolve à margem da escola, não precisando por isso serem depreciados (MARCUSCHI, 2001, P.19).

O letramento se constitui de um conjunto de práticas sociais, e estas podem ser mediadas por textos escritos. O letramento é muito mais que alfabetização, pois muitos sabem ler e escrever, ou seja, são alfabetizados. Mas, é através do letramento que o indivíduo é capaz de preencher formulários, escrever um telegrama, uma carta, procurar por uma informação no índice telefônico, encontrar informações numa bula de remédio, numa conta de luz, ou até mesmo realizar diversas tarefas no dia-a-dia.

O indivíduo pode não ser alfabetizado, não ler nem escrever, entretanto possui um tipo de letramento. Por exemplo, quando alguém que não sabe ler, nem escrever, ao ditar uma carta para outra pessoa ele está se utilizando de estruturas lingüísticas próprios da escrita.

Uma pessoa alfabetizada, mesmo sabendo ler e escrever, pode não ser letrada, isso acontece quando ela não utiliza as práticas de leitura e escrita, não lendo jornais, revistas ou não é capaz de interpretar um texto lido.

O que se pode observar é uma mudança, uma nova concepção de língua e texto, passando os mesmos a serem vistos como um conjunto de práticas sociais.

Esta virada em relação a oralidade e escrita acontece a partir dos anos 80, sendo uma reação as décadas anteriores, pois as mesmas eram vistas como opostas.

Conforme Marcuschi:

Considerava-se a relação oralidade e letramento como dicotômica, atribuindo-se à escrita valores cognitivos intrínsecos no uso da língua, não se vendo nelas duas práticas sociais. Hoje [...] predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sócias e culturais. (MARCUSCHI, 2002, p.16)

Aos Professores competem observar a linguagem falada como parceira da linguagem escrita, tentando mostrar aos alunos que existe uma distinção entre elas, não podendo ser concebidas de forma separada, pois uma influencia a outra constantemente e vice-versa.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro&interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio** (PCNEM).Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&ide=265&Itemid=255>. acesso em:04.jan.2008.

CONRAD, David. **Minidicionário escolar de Inglês: Inglês-português, português-Inglês**. São Paulo: DCL, 2005.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. 2 ed.Rio de Janeiro:Lucerna,2003.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE Maria Lúcia C.V. O; AQUINO, Zilda G.O **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FREGONEI, Durvali Emilio. **Aconteceu a virada no Ensino de Língua Portuguesa?** IN: Revista do GELNE. Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste. Ano 1,nº. 2.Fortaleza: 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, M.T. A; COSTA, R.(Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e Ensino: exercício de militância e divulgação**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: associação de Leitura do Brasil, 1996.

KURY, Gama. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. 4 ed. São Paulo: Cortez,2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: scipione, 1997.

XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana. **Conversas com Lingüistas**. Rio de Janeiro, Parábola Editorial, 2005.